

La Comédiathèque



**AVISO de
PASSAGE**

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Aviso de passagem

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Comédia de esquetes.

No vestíbulo de um edifício, entre as caixas de correio e o código de acesso, personagens estranhos cruzam-se sem sempre se entenderem...

25 personagens:

Distribuição muito flexível em termos de número e sexo; cada ator pode interpretar vários papéis, e a maioria dos papéis pode ser masculina ou feminina.

1. Código de acesso.....	3
2. Cartas de insultos.....	7
3. Lixo.....	9
4. Carta morta.....	12
5. Diabólico.....	15
6. Pacote Bomba.....	18
7. Má direção.....	21
8. Convite.....	24
9. Carta de Amor.....	28
10. Ocupante Ilegal.....	30
11. Vingança.....	32
12. Aviso de Passagem.....	36

© La Comédiathèque

1. Código de acesso

Uma mulher chega ao vestibulo, atravessa-o e, perplexa, coloca-se diante do código de acesso da porta que dá acesso às escadas. Um homem também chega e dirige-se à mesma porta para inserir o código.

Mulher – Desculpe... Posso entrar consigo? Não tenho o código...

Homem – Eh... Sim... Bem... Quer dizer que não tem o código?

Mulher – Sim... Foi o que acabei de dizer, não foi?

Homem – Em princípio, deve ter o código para entrar neste edifício. Esse é precisamente o princípio...

Mulher – O princípio?

Homem – Aqueles que têm o código têm o direito de entrar, os outros não. Para que serve ter um código, se não?

Mulher – Ah, entendi...

Homem – Pois é...

Mulher – Então, não quer deixar-me entrar?

Homem – Pois não...

Mulher – Acha que sou uma ladra, é isso?

Homem – Não sei... Se vivesse neste edifício, por que não teria o código?

Mulher – Porquê? O código poderia ter mudado sem que me tenham informado.

Homem – O código não muda há vinte anos.

Mulher – Poderia tê-lo esquecido!

Homem – Esse é o tipo de código que não se esquece, acredite. Muitas pessoas idosas vivem neste edifício, então escolhemos algo fácil de lembrar. Até um paciente com Alzheimer em estado terminal esqueceria a sua data de nascimento antes do código deste edifício...

Mulher – Não sei... 007?

Homem – Então, não vive neste edifício...

Mulher – E você? Lembra-se da sua data de nascimento?

Homem – Se não vive aqui, a quem vem visitar?

Mulher – Mas vá lá, isso não é da sua conta! É polícia?

Homem – Não. Mas é o meu edifício.

Mulher – Este edifício é seu?

Homem – Sou co-proprietário. Cuido da segurança das pessoas que vivem aqui. E da integridade das suas propriedades.

Mulher – Já percebi... É uma espécie de miliciano, certo?

Homem – Diga-me apenas o que vem fazer aqui.

Mulher – Venho assassinar alguém, tudo bem para si?

Homem – Em que andar?

Mulher – Isso muda alguma coisa?

Homem – Só para verificar se não está a mentir.

Mulher – A idosa do quinto.

Homem – No quinto, há um casal homossexual e uma mãe solteira.

Mulher – Uma mãe solteira? Mas em que época vive? No final do século XIX?

Homem – Bem... Referia-me a uma mulher que vive sozinha com o filho...

Mulher – Hoje em dia diz-se uma família monoparental, mas enfim...

Homem – De qualquer modo, não se diz a idosa do quinto! Está a mentir!

Mulher – Claro que estou a mentir. Se tivesse vindo assassinar alguém, realmente acha que especificaria o andar?

Homem – Isso não me diz o que vem fazer aqui.

Mulher – Está bem... Venho ver alguém, parece-lhe bem?

Homem – Ah, sim. E quem seria?

Mulher – O dentista.

Homem – Estão-lhe a doer os dentes?

Mulher – É mais complicado que isso...

Homem – Que dentista? Há pelo menos três ou quatro no edifício.

Mulher – Não sei o nome dele. Quero dizer, o verdadeiro nome.

Homem – Que conveniente...

Mulher – Não, precisamente, não é conveniente. É alguém que conheci online. Só sei o seu pseudónimo.

Homem – Um pseudónimo?

Mulher – Ele me convidou para ir à casa dele, mas esqueceu-se de me dar o código.

Homem – A convida para ir à casa dele, mas não dá o código...

Mulher – Ele esqueceu, eu disse!

Homem – Poderia ligar para ele.

Mulher – Não tenho o número dele.

Homem – Ah, também não deu o número dele. Aparentemente, é alguém que valoriza muito a privacidade... Tem certeza de que ele a convidou para ir à casa dele? Quero dizer, não deu o código...

Mulher – Ele me deu o endereço, disse que morava no terceiro andar e que era dentista. Acredito que se ele não quisesse me ver...

Homem – Dentista, no terceiro andar... Então esse é o endereço do consultório dele. Não é a casa dele.

Mulher – E qual é a diferença?

Homem – Isso explica por que ele esqueceu de dar o código.

Mulher – E por que seria isso?

Homem – Porque durante o dia não há código.

Mulher – Então há mesmo um dentista no terceiro andar.

Homem – Sim.

Mulher – Então vê que não estou mentindo.

Homem – Ao mesmo tempo, está indicado na placa.

Mulher – Que placa?

Homem – A placa que está lá fora, na entrada deste prédio.

Mulher – Certo... Então, ainda não quer me deixar entrar?

Homem – Depende... Qual é o seu pseudónimo?

Mulher – Desculpe?

Homem – Disse que só conhece este dentista pelo pseudónimo. Imagino que ele também a conhece apenas por um nome de código.

Mulher – E por que eu daria meu pseudónimo? É muito pessoal, não é? Mais pessoal que o código de acesso a um prédio, pelo menos...

Homem – Digamos que é uma troca justa.

Mulher – Alex343.

Homem – Alex343?

Mulher – O que? Também não gosta?

Homem – Não, não... Alex343, é um nome muito bonito. (*Mudando de tom*) Para uma pessoa muito bonita... Dá vontade de conhecer as outras 342 Alex.

Mulher – Agora está me paquerando? Não tem vergonha!

Homem – Começamos com o pé errado, mas permita-me apresentar-me: Sou Domi459.

Mulher – Domi459? Então é você?

Homem – Espero que não fique muito decepcionada...

Mulher – Não, não, mas... Não o imaginava assim...

Homem – Desculpe pelo código, mas como durante o dia não há...

Mulher – Claro.

Homem – E nunca se sabe com quem se está lidando.

Mulher – Tem razão. Nunca se é demasiado prudente.

Homem – Encontrou facilmente?

Mulher – Sim, sim... Até chegar a esta porta, pelo menos...

Ele mostra a porta.

Homem – Mas vá em frente, por favor...

Mulher – Ei...

Homem – Ah sim, verdade... Não tem o código... Espere, eu passo primeiro... 0000, é fácil de lembrar...

Mulher – Sim, é prático...

Homem – Mas a propósito, esqueci-me de me apresentar... Como só me conhece pelo meu pseudónimo...

Mulher – Se me permitir, esperarei conhecê-lo um pouco melhor antes de lhe dar o código de acesso...

Saem.

2. Cartas de insultos

Uma mulher chega, abre uma caixa de correio e percebe, desapontada, que está vazia. Um homem se aproxima.

Homem – Nada de correio hoje?

Mulher – Há alguns anos, ainda recebia um convite ou outro de vez em quando. Mas aos poucos, já não chega nada. Sinto-me como se fosse a única sobrevivente da minha geração.

Homem – Se eu morrer antes de você, prometo enviar-lhe um convite para o meu funeral.

Mulher – É muito amável da sua parte. Mesmo assim, desço todas as manhãs para ver se tenho correio. Assim faço um pouco de exercício.

O homem abre a caixa de correio, que está cheia de cartas.

Homem – Daria-lhe um pouco do meu, mas são principalmente cartas de insultos.

Mulher – Insultos? Ah sim... É verdade que a sua esposa o deixou...

Homem – Acho que não lidou muito bem com eu mudar de profissão. Mas não é ela quem me envia todas estas cartas, sabe?

Mulher – Já não é professor de literatura espanhola?

Homem – Renunciei há alguns meses. Agora trabalho numa talho de carne de cavalo.

Mulher – Deve ser uma mudança.

Homem – É mais sujo.

Mulher – Ah sim, é uma reconversão surpreendente.

Homem – Desde pequeno, sempre quis trabalhar com carne. Alguns sonham em ser bombeiros, eu sonhava em ser talhante.

Mulher – Precisa de tudo para fazer um mundo, não é verdade?

Homem – Meus pais eram professores de filosofia, os dois. Pode imaginar que não estavam muito a favor deste projeto. Acho que preferiam que eu dissesse que era homossexual e queria ser ator. Então, primeiro estudei literatura para agradá-los e casei-me com uma licenciada em latim. Mas no final, a paixão foi mais forte. Fiz aulas noturnas, obtive meu certificado de aptidão profissional e, de passagem, divorciei-me. E aqui estou eu, finalmente, como talhante!

Mulher – A talharia é uma bela profissão. Mas por que cavalos?

Homem – Acho que ovelhas ou cordeiros me lembrariam demasiado do meu antigo trabalho de professor...

Mulher – Compreendo... Mas todas estas cartas de insultos, suponho que não são os cavalos que as escrevem para se queixar...

Homem – Ah, isso! Na realidade, nada tem a ver com a minha nova profissão. São os meus antigos alunos que continuam a escrever-me. Deixei de dar aulas em junho e ainda não sabem que renunciei.

Mulher – E você lê todas elas?

Homem – Nem pense! Se ao menos estivessem bem redigidas. Mas o vocabulário é muito pobre, a sintaxe é lamentável e estão cheias de erros ortográficos. Veja, vou abrir uma ao acaso...

Abre um envelope e lê.

Homem – Vai-te foder, maldito palhaço de merda, vou te matar... São uns carneiros, digo-lhe...

Mulher – Sabe o quê? Eles não mereciam...

Homem – Vou colocar isto diretamente na reciclagem.

Mulher – Nesse caso, dê-mas a mim. Manter-me-ão ocupada.

Homem – Se insiste... (*Entrega-lhe o monte de cartas que ela pega.*) Mas avisei-a...

Mulher – Se vir alguma que seja mais interessante do que as outras do ponto de vista literário, vou guardá-la à parte para si.

Homem – Perfeito! E eu vou guardar-lhe um pequeno bife de cavalo para o almoço! É excelente para a saúde, verá. A carne de cavalo é muito menos gordurosa que a carne de vaca e está cheia de ferro.

Mulher – Ferro? Espero que não seja um ferro de ferradura.

Homem – Ah, não esqueça que uma ferradura traz boa sorte! Bem, tenha um bom dia! A carne não espera!

Mulher – Obrigada, tenha também um bom dia!

Ele vai embora. Ela olha para o pacote de cartas.

Mulher – Vamos ver isso...

Também se vai enquanto lê a primeira carta que acabou de abrir.

3. Lixo

A cena está vazia, exceto por um grande contentor de lixo com rodas e uma tampa amarela. Uma mulher chega, arrastando outro contentor do mesmo tipo, mas com uma tampa verde. Vestida elegantemente e com saltos altos, ela tenta manter alguma dignidade neste degradante exercício de levar o lixo ela mesma. O telefone dela toca e ela atende.

Mulher 1 – Olá, sim? Oh, boa tarde, Juan! Não, você não está incomodando de jeito nenhum. Eu estava organizando alguns papéis e me preparando para tomar um banho... Esta noite às sete e meia? Ah, sim, é absolutamente perfeito! Mas tem certeza de... Sua última paciente? Muito bem. Nesse caso, talvez tenhamos tempo para tomar uma bebida depois, para nos conhecermos um pouco. Ah sim, ou jantar se preferir... Conheço um excelente restaurante japonês por aqui... Oh, você não gosta de sushi! Não, de jeito nenhum... Eu também gosto muito de paelha... Perfeito, então nos vemos mais tarde... Não, não se preocupe, eu tenho o endereço do seu consultório... Ah, há um código a partir das sete da tarde? Espere, vou pegar algo para anotar... Estou no banheiro e não tenho nada comigo... Quero dizer, não tenho nada para escrever...

Ela pega um lápis, mas ao perceber que não tem papel, abre a tampa do contentor de lixo amarelo. Ao encontrá-la vazia, deixa a tampa aberta e abre a tampa do próprio contentor, de onde tira aleatoriamente um pacote de cereais com baixo teor de calorias.

Mulher 1 – Pronto, estou ouvindo... Oh, wow, de fato, é complicado... (*Brincando*) Você não podia escolher o 123 ou 007 como todos os outros? Ah, é a data de falecimento da sua sogra... Sim, você está certo, para um ladrão, obviamente é mais difícil de adivinhar... Mas você pode repetir mais devagar? Só um segundo, eu me ajeito um pouco mais...

Ela se contorce tentando escrever no papelão com uma mão enquanto segura o telefone com a outra, mas então decide colocar o papelão na borda do contentor de lixo amarelo, deixando a tampa aberta. O papelão cai no fundo e ao tentar pegá-lo, ela deixa cair também o telefone na lixeira vazia.

Mulher 1 – Oh, não, não pode ser verdade... (*Se dirigindo ao fundo do contentor*) Alô? Juan? Você me ouve? (*Inclina-se para o fundo do contentor para tentar recuperar o telefone.*) Alô? Eu te ouço muito mal...

Finalmente, ela cai dentro do contentor. Apenas suas duas pernas sobressaem, se agitando e emitindo gritos abafados. Um homem chega com um telefone celular na mão.

Homem – Alô? Alô? Você me ouve?

Sua esposa chega por trás dele.

Mulher 2 – Juan? O que estás fazendo aqui?

Juan guarda imediatamente seu telefone. Temendo ser pego nessa posição embaraçosa, a mulher presa no contentor volta a enfiar as pernas e se acalma.

Homem – Bem, eu... Vinha buscar o contentor para subi-lo... O cabeleireiro não conseguiu te atender afinal?

Mulher 2 (*seca*) – Sim. Acabei de sair.

Homem – Ah, muito bem...

Mulher 2 – Não esqueceste que esta noite vou à despedida do meu chefe de serviço?

Homem – Não, não, tranquila... Aproveitarei para colocar minha contabilidade em dia no escritório.

A mulher vê a caixa de cereais no chão.

Mulher 2 – As pessoas são muito sujas... (*Pega a embalagem para colocá-la de volta no contentor*) E tenho a impressão de que os recém-chegados são os piores... Aliás, conheceu a nova vizinha?

Homem – Que vizinha?

Mulher 2 – Não me diga que não a notaste... A de seios grandes...

Homem – Ah, aquela...

Mulher 2 – Viste, que te lembras.

Homem – É verdade que ela é bastante bonita.

Mulher 2 – Eu a acho bastante vulgar, mas tudo bem...

Homem – Vulgar?

Mulher 2 – Acho que ela é divorciada...

Homem – Ela te disse isso?

Mulher 2 – Uma mulher que leva o próprio lixo para fora, obviamente mora sozinha... E como é velha demais para ser solteira, concluo que é divorciada... ou viúva.

Homem – Ela não é tão velha assim...

Mulher 2 – Deve ter mais ou menos minha idade.

Homem – Ah, sim? Não parece...

Mulher 2 – Quando ela leva o lixo pela manhã de roupão antes de se maquiar, parece, acredita... Mas ei, parece que realmente ficaste impressionado...

Homem – Foste tu quem me falou dela... (*Pausa*) E além disso, hoje ela ligou para o escritório para uma limpeza dental...

Mulher 2 – Uma limpeza dental? Quando?

Homem – Esta noite.

Mulher 2 – Ah, entendi... Deve ser uma urgência. Devia ter muita placa dental...

Homem – Talvez tenha um compromisso importante...

Mulher 2 – Sim, claro... Bem... Contanto que tu não a tragas para casa... Porque aviso desde já, sou capaz de qualquer coisa...

Homem – Trazer para casa... De onde tiraste isso?

Começam a se afastar.

Mulher 2 – Bem, não vais levar o contentor para cima?

Homem – Sim, sim... (*Pega o contentor com rodas pela alça e segue sua esposa.*) Mas quando dizes capaz de qualquer coisa... Não estás se referindo a matar, certo?

O toque de um telefone é ouvido vindo do contentor.

4. Carta morta

Uma personagem (homem ou mulher) chega à sua caixa de correio para recolher a correspondência. Abre a caixa, retira alguns envelopes e examina-os rapidamente.

Inquilino – Fatura, impostos, chamada à contribuição...

Outra personagem (homem ou mulher) chega como carteiro. Examina as caixas de correio sem encontrar o que procura.

Carteiro – Desculpe... Conhece o Sr. Martín?

Inquilino – Sim...

Carteiro – Não vejo o nome dele na caixa. Em que andar ele mora?

Inquilino – No sétimo. Mas ele morreu na semana passada.

Carteiro – Ah... Então... Mudou-se.

Inquilino – Pode-se dizer isso, sim...

Carteiro – Não, porque tenho uma carta registada para ele...

Inquilino – Ah, sim... Que azar...

Carteiro – Então, o que devo fazer?

Inquilino – Não sei...

Carteiro – Não deixou um endereço?

Inquilino – Ele está morto, eu disse.

Carteiro – Ah, sim... Mas, quem vai assinar a minha carta registada então?

Inquilino – Isso...

Carteiro – Então ele não vai voltar...

Inquilino – É pouco provável.

Carteiro – Isso não me convém.

Inquilino – Sempre há problemas, sabe? Mas não tenho certeza se ele morreu apenas para complicar a sua vida...

Carteiro – Mmm... Então, não sei... E você não poderia assinar no lugar dele?

Inquilino – Por que faria isso?

Carteiro – Entre vizinhos... Podemos ajudar-nos mutuamente... Assim, evito ter que voltar.

Inquilino – Voltar? Para quê?

Carteiro – Para entregar esta carta registada!

Inquilino – Mas eu estou a dizer que ele está morto! Morto, percebe? E há pelo menos uma vantagem em estar morto, que é que nos tornamos totalmente e irrevogavelmente inacessíveis para cartas registadas de qualquer tipo.

Carteiro – Eu entendo.

Inquilino – Pode sempre deixar um aviso de passagem.

Carteiro – Bem, sim...

Inquilino – Além disso, que tipo de carta registada é essa? Aviso de impostos? Aviso de despejo? Aviso de cancelamento?

O carteiro dá uma olhada no envelope.

Carteiro – Vem da Lotaria Nacional.

Inquilino – A Lotaria Nacional?

Carteiro – Não pode ser uma má notícia.

Inquilino – Realmente acha que quando alguém está morto, ainda pode distinguir entre uma boa e uma má notícia?

Carteiro – Claro... Mas mesmo assim...

O inquilino pega a carta registada da mão do carteiro.

Inquilino – Deixe-me ver... Ah sim, da Lotaria Nacional, realmente...

Carteiro – Sabe se ele jogava na lotaria?

Inquilino – Não sei... Conhecia-o muito pouco... Encontrávamo-nos de vez em quando... Ele tinha um cão...

Carteiro – E o que aconteceu com o cão?

Inquilino – O cão? Não sei...

Carteiro – É triste, um cão que fica sozinho na vida assim... Não entendo toda essa gente que adota um animal de estimação e depois o abandona. Ter um animal de estimação é uma responsabilidade. As pessoas não percebem...

Inquilino – Acha que ele ganhou o jackpot?

Carteiro – Se for o caso, não deve demorar a manifestar-se. Há um prazo. Se o cheque não for reclamado antes, perde-se tudo e a quantia volta a ser sorteada.

Inquilino – É verdade, seria uma pena...

Carteiro – Então, o que fazemos?

Inquilino – O que fazemos??

Carteiro – Como diz, seria uma pena...

Inquilino – Está bem, vou assinar.

Carteiro – Assim evito ter que voltar.

O inquilino assina o recibo que o carteiro lhe entrega, abre febrilmente o envelope e lê.

Carteiro – Então, o que diz?

Inquilino – É uma rescisão...

Carteiro – Não é um cheque?

Inquilino – Trabalhava na Lotaria Nacional. É apenas um aviso de término de contrato.

Carteiro – Além disso, perdeu o emprego... É realmente infeliz. Porque arranjar trabalho nestes tempos não é fácil.

Inquilino – Especialmente quando se está morto.

Carteiro – E com a crise ainda por cima. A deslocalização e tudo isso.

Inquilino – Eu sei como é, também estou desempregado.

Carteiro – Ah sim, não tem sorte... E obviamente, nunca são pessoas como nós que ganham na lotaria, certo? Aqueles que realmente precisam.

Inquilino – Não...

Carteiro – Li um artigo ontem no jornal: "Ganha 60 milhões na lotaria e continua a viver exatamente como antes..." Deixe-me dizer-lhe algo: há pessoas que não merecem ganhar.

Inquilino – É verdade...

Carteiro – Bem, é isso, tenho que continuar com a minha rota.

Ele se prepara para ir embora. O inquilino segura a carta.

Inquilino – O que faço agora com isto?

Carteiro – Isso depende de você... Desde que eu tenha o recibo assinado, não me importo.

O carteiro prepara-se para ir embora.

Carteiro – Mas se fosse eu, escreveria-lhes.

Inquilino – A quem?

Carteiro – À Lotaria Nacional! Já que um lugar acaba de ficar vago...

O carteiro vai embora. O inquilino olha novamente para o pacote registado, perplexo.

5. Diabólico

Uma personagem (homem ou mulher) entra carregando uma caixa claramente muito pesada. Outra personagem chega depois.

Um – Parece pesado... Estás a mudar-te?

Dois – Nota-se tanto?

Coloca a caixa sobre outra caixa que já está lá.

Um – Ajudaria-te, mas com a minha coluna...

Dois – Obrigado de qualquer forma...

Senta-se sobre as caixas para descansar um momento. O outro tira um maço de cigarros.

Um – Queres um?

Dois – Obrigado, já estou à beira da apoplexia...

O outro guarda o seu maço.

Um – Tens razão, devia largar isto também... Melhor vou tomar um comprimido de menta.

Tira uma caixa de pastilhas de menta.

Um – Queres uma?

O outro faz um gesto negativo.

Dois – Obrigado, não. Já tenho muita sede.

Um – Já experimentei de tudo, até acupuntura, mas não consigo largar completamente.

Dois – Mmm...

Um – É curioso, nunca te vi no prédio... e logo no dia em que te mudas encontramos... E para onde vais com todas estas caixas.

Dois – Estou a mudar-me para Lisboa.

Um – Isso vai mudar-te.

Dois – Sim...

Um – Já não teremos oportunidade de nos vermos novamente...

Dois – Diria que vou sentir a tua falta, mas como nunca nos cruzamos até agora. Há quanto tempo vives neste prédio?

Um – Ah, não, mas não moro aqui.

Dois – Ah, percebo. Com certeza por isso não nos cruzamos mais vezes...

Um – Tenho o meu consultório no terceiro andar.

Dois – Já percebi. O dentista.

Um – Eh, não... Eu estou mesmo em frente. O exorcista.

Dois – O exorcista...?

Um – Claro, não está escrito na porta, obviamente.

Dois – Claro.

Um – Costumo atender especialmente à tarde. Até de noite, é mais discreto.

Dois – Seguramente é por isso que nunca nos encontramos...

Um – As pessoas que vêm ter comigo nem sempre querem ser reconhecidas...

Dois – Também não tenho a certeza se gostaria de encontrar os teus pacientes nas escadas depois do anoitecer...

Um – Não acreditas.

Dois – Nota-se tanto?

Um – Não te culpo, mas estás enganado.

Dois – Talvez, sim... E funciona?

Um – Olha à tua volta... Não achas que o mercado é imenso?

Dois – Sim, bem, não é falso. Mas tu, com tudo isso, não conseguiste deixar de fumar?

Um – Ainda não encontrei a fórmula mágica que me libertaria dos poderes malignos da nicotina.

Um momento.

Um – E tu, por que te estás a mudar, se posso perguntar?

Dois – Bem... Para ficar mais perto do meu trabalho, em primeiro lugar.

Um – E...?

Dois – E também... Como dizer? Porque sentia como uma presença diabólica no apartamento que ocupo no último andar deste prédio.

Um – A sério? Devias ter-me falado disso antes...

Dois – Infelizmente, ainda não te conhecia.

Um – E com presença diabólica, referes-te exatamente a quê?

Dois – Principalmente... à minha esposa.

Um – Já percebi... Tenho muitos casos como o teu...

Dois – Bem, isso não é tudo, mas vou ter que seguir em frente. Já que não queres ajudar-me...

Um – Sempre posso tentar desencantar a tua esposa.

Dois – Poderias fazer isso?

Um – Em que andar está?

Dois – Oitavo.

Um – Baixaste todas estas caixas do oitavo andar sem elevador?

Dois – E ainda tenho muitas mais para baixar...

Um – Ah, sim... Oitavo sem elevador... É realmente diabólico...

Dois – Sim...

Um – Lamento, mas acho que aí... Não posso fazer nada por ti...

Afasta-se, e o outro fica ali com as suas caixas, um pouco desconcertado. Decide ir-se embora quando outra personagem (interpretada por quem acabou de sair) com uma máscara de carnaval chega. Finge procurar algo, como um nome numa caixa de correio ou uma placa profissional.

Três – Desculpe, em que andar está o exorcista?

Dois – Terceiro. Em frente ao dentista.

Três – Claro, não há placa embaixo.

Dois – Nem na porta.

Três – Obrigado...

Sai. O outro fica ali, sentado na sua caixa.

Dois – Acho que já era hora de me mudar...

6. Pacote Bomba

Um carteiro (homem ou mulher) chega com um pacote e encontra-se com uma inquilina que também chega.

Carteiro – Ah, tinha exatamente um pacote para si.

Inquilina – Obrigada.

O carteiro entrega-lhe o pacote.

Carteiro – Uma pequena assinatura...

Inquilina – Claro...

Ocupada, a inquilina devolve o pacote ao carteiro para assinar o recibo que ele lhe entrega.

Inquilina – Desculpe, deixe-me devolver isto um segundo.

A inquilina assina o recibo e sorri.

Inquilina – Espero que não seja um pacote bomba...

O carteiro responde em tom de brincadeira.

Carteiro – É verdade que se ouve como um tic-tac lá dentro.

Riem.

Inquilina – Vêm-se tantas coisas agora. *(Para de rir repentinamente)* Está a falar a sério?

O carteiro coloca o ouvido contra o pacote.

Carteiro – Vai fazê-lo rir, mas... sim, parece...

A inquilina parece preocupada de repente. Ela também coloca o ouvido no pacote.

Inquilina – Sim, eu também ouço... Acha que poderia...

O carteiro também muda o tom.

Carteiro – Conhece alguém que teria razões para odiá-la tanto?

Inquilina – Não sei... Exceto a minha sogra... Mas todos temos inimigos, não é?

Carteiro – Mesmo assim...

A inquilina hesita.

Inquilina – Agora não tenho a certeza se quero levá-lo...

Carteiro – Então, o que faço com isto?

Inquilina – Leve-o de volta ao posto dos correios.

Carteiro – Mas ainda não terminei a minha rota... E se explodir na minha cara pelo caminho? E além disso, já assinou o recibo...

Ele entrega o pacote ao outro, que se recusa a recebê-lo.

Inquilina – E se chamarmos a polícia?

Carteiro – A polícia?

Inquilina – Como quando encontramos um pacote suspeito num vestíbulo de estação ou num comboio.

Carteiro – Quer dizer... uma equipa de desativação de bombas?

Inquilina – Eles saberão o que fazer...

Carteiro – E se a bomba explodir antes de chegarem?

Inquilina – Não sei... E se simplesmente atirmos o pacote para a rua?

Carteiro – E se alguém ficar ferido? Pode haver crianças... É a hora de saída da escola... Não podemos fazer isso.

Inquilina – Tem razão... Só nos resta preparar-nos para morrer com dignidade, com o consolo de que o nosso sacrifício tenha salvo algumas vidas inocentes...

Carteiro – Nosso sacrifício? O que está exatamente a propor?

Inquilina – Temos de agir e rápido!

Ela pega o pacote das mãos do carteiro, atira-o ao chão e pisa-o violentamente.

Carteiro – Mas está louca?

Inquilina – Não explodiu...

Carteiro – Não...

Ambos inclinam-se para examinar os destroços do pacote.

Carteiro – Ah, sim... Era um relógio de parede... Mas não vejo nenhuma bomba...

Inquilina – Não, é estranho...

Carteiro – Mas pensando bem, quem é o remetente?

Inquilina – O remetente?

Carteiro – Geralmente está escrito no recibo!

Inquilina – Ah, sim...

O carteiro verifica o recibo.

Carteiro – Vem da Suíça... É curioso...

Inquilina – Sim, provavelmente é o país com menos terroristas no mundo...

Carteiro – Senhora Martínez... Conhece?

Inquilina – É a minha sogra.

O carteiro procura nos restos do pacote.

Carteiro – Olhe... Há uma carta de reivindicação...

Entrega-lhe a folha, que ela lê.

Inquilina – Feliz aniversário, querido... É para o aniversário do seu filho.

Carteiro – Seu filho?

Inquilina – Meu marido!

Carteiro – Um relógio de parede... É um presente estranho para um aniversário, não?

Inquilina – Meu sogro é relojoeiro.

Carteiro – E não chamou a atenção? Quero dizer, quando ouviu o tic-tac...

Ambos contemplam os restos destruídos do pacote.

Carteiro – Seu marido ficará feliz... Quantos anos ele faz, por acaso?

Inquilina – Mesmo assim, parece que cheira um pouco a pólvora, não acha?

Carteiro – Eu diria mais a chocolate...

Inquilina – Ah, sim, olhe, também havia chocolates. (*Pega na caixa destruída e oferece ao carteiro.*) Quer um?

Carteiro – E se estiverem envenenados?

Trocam um olhar perplexo.

7. Má direção

Uma personagem (homem ou mulher) chega, abre a sua caixa de correio e nota com certa tristeza que está vazia. Outra personagem (homem ou mulher) chega, também abre a sua caixa de correio e, depois de um movimento de surpresa, tira um pacote de cartas.

Um – Parece que tens correio hoje...

Dois – Sim, não entendo... Geralmente, além de publicidade... Vamos ver...

O rosto dele escurece.

Um – Espero que não sejam más notícias...

Dois – É o correio dos meus vizinhos do andar... O carteiro enganou-se de novo...

Um – Ah...

Dois – Vou voltar a colocar na caixa deles.

Um – Sim...

Dois – Então, também não tens...

Um – Não, não há correio hoje...

O outro prepara-se para colocar o correio numa outra caixa, mas deixa cair a pilha no chão.

Dois – Maldição!

Um – Espera, vou ajudar.

Os dois personagens abaixam-se para apanhar os envelopes e aproveitam para examiná-los.

Dois – Ei, não sabia que estava inscrito na Revista de Mergulho...

Um – É verdade, estamos bastante longe do mar...

Dois – Deve fazer mergulho na piscina.

Um – Ou na sua banheira...

Dois – Também há uma carta com o cabeçalho dos Bombeiros de Lisboa.

Um – Talvez seja bombeiro voluntário.

Dois – Ou talvez seja um convite para o baile anual...

Risadas. Vergonha.

Dois – Não é um pouco indiscreto o que estamos a fazer?

Um – Sim, um pouco... O que mais há?

Os dois personagens começam a examinar os envelopes.

Um – Um postal.

Dois – De onde é?

Um – Das Ilhas Baleares. Ibiza.

Dois – O que diz?

Um – Mesmo assim...

Dois – Isso não conta, é um postal! Até o carteiro poderia tê-lo lido...

Um – "Um cumprimento das Ilhas Baleares, onde passamos uma semana de férias. As paisagens são bonitas e o clima está agradável. Até breve. Beijos. Maurício e Jaime."

Dois – É tão comum...

Um – As pessoas já não sabem escrever.

Dois – Mas mesmo assim.

Um – O quê?

Dois – Está assinado por Maurício e Jaime.

Um – Companheiros de mergulho?

Dois – Ou amigos bombeiros...

Os dois personagens mergulham novamente na análise do correio.

Dois – Olha, uma carta com a morada escrita a tinta rosa...

Um – Ah, sim...

Dois – Pergunto-me quem poderia ser...

Um – Ele é casado, certo?

Dois – Separado, acho.

Um – Não há morada do destinatário na parte de trás?

O outro vira a carta.

Dois – Gerardo...

Um – Por que razão um Gerardo lhe escreveria com tinta rosa?

Dois – Isso explicaria por que a esposa o deixou.

Um – Como saber?

Dois – Tenho uma pequena ideia...

Abre o envelope.

Um – A sério?

Dois – Desculpa, não resisti. Um impulso, como dizem os assassinos em série.

Um – Bem, agora, é melhor ler.

Dois – "Olá, Alberto. Desculpa por escrever-te com uma caneta rosa, mas é a única que tinha à mão. Além disso, é para te anunciar uma triste notícia. A tia Consuela faleceu ontem..."

Um – Um aviso de falecimento com tinta rosa... Também é compreensível que não tenhamos suspeitado de nada.

Dois – Este correio é muito decepcionante. Pergunto-me se vale a pena continuar.

Um – Tens razão. Este tipo é tão comum.

Dois – Totalmente transparente.

Um – É tão simples que se o encontrasse nas escadas, nem tenho a certeza de que o reconheceria.

Dois – Vamos devolver isto ao buzão dele.

Devolve o correio à caixa do destinatário e olha para o relógio.

Dois – Oh, já é tarde! Vou perder a minha série.

Um – Ah, também a vês?

Dois – Felizmente, a televisão está aí para mudar um pouco as nossas mentes...

Saem.

8. Convite

Uma mulher passa puxando um contentor de lixo com rodas de onde se destacam pés masculinos e/ou femininos. Outra mulher chega para apanhar a sua correspondência e saúda a primeira.

Um – Bom dia!

Dois – Ah, bom dia! Como estás?

A outra nota os pés que se destacam do contentor.

Um – Hoje é o dia de recolher objetos volumosos? Pensei que fosse na próxima semana.

Dois – Foi uma emergência...

Um – A grande limpeza da primavera, então?

Dois – Sim, poderia dizer-se isso...

Ela volta a colocar os pés no contentor para que não sobressaiam.

Um – Eu também deveria fazê-lo quando tiver tempo. Acumulamos tantas coisas ao longo dos anos.

Dois – Poderias segurar-me a porta?

Um – Mas claro, não te mexas!

Ela avança para o cenário para segurar uma porta que possivelmente não se vê.

Dois – Que amável!

Um – De nada, por favor. Tem um bom dia!

Dois – Obrigada! Igualmente.

A outra sai com o seu contentor de lixo.

Outra mulher chega para apanhar a sua correspondência.

Um – Ah, bom dia! Encantada de conhecer-te. Sou tua vizinha do lado. Vi-te de longe enquanto te mudavas...

Três – Tens razão, é melhor manter distância nesses casos. Estou a brincar...

Um – Estou encantada de... Bem, só queria dizer-te... Bem-vinda ao edifício!

Três – Obrigada, é muito amável da tua parte.

Um – Entre vizinhos...

Três – Sim...

Um – Verás, as pessoas do edifício são muito agradáveis. E, sobretudo, se precisares de alguma coisa...

Três – Obrigada.

Um – Tenho que ir... Vou buscar a minha filha à aula de violino. Tens filhos?

Três – Sim... Bem, não. Quero dizer... Agora estou livre deles, felizmente.

Um – Livre deles...?

Três – Sim... Coloquei-os no congelador para ficar tranquila.

Um – Ah, sim...

Três – Estou a brincar.

Um – Claro.

Três – Já são mais velhos. Já não vivem em casa.

Um – É verdade que se sente um vazio quando se vão. No final, só queremos que saiam. E depois, de repente... Sente-se um vazio.

Três – Mas a tua filha ainda vive contigo, certo? Quero dizer, se a estás a ir buscar à aula de violino...

Um – Sim... Mas consigo imaginar. Deve ter sido um vazio para ti, não?

Três – Quando o meu filho mais novo saiu, no início hesitei em adotar um cão, mas no final, foi a minha sogra quem veio viver connosco.

Um – É verdade que um cão exige ser levado à rua três vezes por dia para fazer as necessidades. É bastante exigente.

Três – Tens razão. Uma sogra é muito mais prática.

Um – Sim...

Três – Há fraldas...

Um – Sim...

Três – Estou a brincar...

Um – Claro... Bem, vou-me agora... A minha filha estará à minha espera...

Três – Desculpa por não ter sido mais faladora. Mas estou um pouco ocupada neste momento. Com esta mudança...

Um – Entendo.

Três – De qualquer forma, seguramente teremos a oportunidade de nos vermos novamente, já que somos vizinhas de andar.

Um – Mas pensando bem... Por que não vens tomar o aperitivo esta noite?

Três – Eh... Sim, por que não?

Um – Às 19:30?

Três – Muito bem. (*Olha para o relógio.*) Agora é a minha vez de ir. Caso contrário, o meu primeiro paciente estará à minha espera. Até esta noite!

Um – Perfeito!

A outra pessoa vai embora. Chega outro personagem.

Um – Sabes o quê? Acabei de encontrar a nossa nova vizinha do andar. Convidei-a para vir tomar o aperitivo esta noite.

Quatro – Convidaste?

Um – Sim, porquê?

Quatro – Eu também me encontrei com o marido dela esta manhã, sabes?

Um – O quê?

Quatro – Ele é inspetor de impostos.

Um – Inspetor de impostos... Queres dizer, inspeções fiscais e tudo mais?

Quatro – Sim.

Um – Mas bem, não temos nada com que nos preocupar, certo?

Quatro – Vais ver... E as prateleiras do meu escritório que mandei instalar sem declarar ao tipo do quinto andar?

Um – Eles não vêm inspecionar a casa...

Quatro – É a natureza deles, esses tipos!

Um – Tu achas?

Quatro – E ainda por cima, imagina que nos chateamos com eles.

Um – Por que nos chatearíamos com eles, se nem sequer os conhecemos?

Quatro – Exatamente! Não sabemos o que pode ofendê-los. Não conhecemos as opiniões religiosas ou políticas deles.

Um – Essa é um pouco a ideia quando se convida as pessoas para se conhecerem.

Quatro – Sim, mas ele, se dissermos algo que não goste, tem os meios para nos submeter a uma inspeção fiscal. E acredita, esses tipos, quando procuram, encontram...

Um – Ai meu Deus, tens razão... Porque é que a convidei? Talvez pudéssemos cancelar...

Quatro – Achariam suspeito! Seria ainda pior. Ou pensarão que não os queremos...

Um – Tens razão... E agora?

Quatro – Envolveste-nos novamente num sarilho...

Um – E ela, nem sei ao certo a que se dedica. Esqueci-me completamente de lhe perguntar... De qualquer forma, parece um pouco perturbada...

Quatro – É psicanalista...

Um – Sério? Como é que sabes? O marido disse-te?

Quatro – Vi-a a colocar a placa dela em frente ao edifício esta manhã.

Um – Psicanalista? Então foi por isso que ela me fez montes de perguntas...

Quatro – Que tipo de perguntas?

Um – Bem... sobre as aulas de violino, por exemplo.

Quatro – Aulas de violino?

Um – Achas que isso tem algum significado especial para um psicanalista, as aulas de violino?

Quatro – Bem, de certeza que tem para um inspetor de impostos. Especialmente se as pagares por fora...

Um – Mas isso é terrível...

Quatro – Mas imagina o calvário desta reunião. Entre um inspetor de impostos e uma psicanalista!

Um – Tens razão, teremos que ter cuidado com o que dizemos...

Quatro – Tentaremos dizer o mínimo possível.

Um – Sim...

Quatro – Mas não será fácil.

Um – Não, certamente... Quando se convida as pessoas para tomar o aperitivo e conhecer-se...

Momento de hesitação.

Quatro – Hoje é o dia da recolha de móveis velhos?

Um – Será para a próxima semana... Aliás, cruzei-me também com a vizinha do quinto andar a descer o lixo, sabes?

Quatro – Não me digas que a convidaste também para o aperitivo...

Um – Não, mas pensei ver restos humanos a sobressair do lixo.

Quatro – Não achas que temos problemas mais urgentes para resolver?

Um – Tens razão... E se colocássemos alguma coisa no aperitivo dela? Tipo soníferos, sabes? Para encurtar a noite...

Quatro – Tu achas?

Saem.

9. Carta de Amor

O carteiro chega e procura um nome numa caixa de correio que não encontra. Uma inquilina se aproxima.

Carteiro – Desculpe, senhorita Lopez, conhece-a?

Inquilina – Lopez, não...? Bem, sim... Esse era o meu nome de solteira. Mas ninguém me chama assim... E estou casada há vinte anos...

Carteiro – No entanto, este é o endereço correto...

Inquilina – Deixe-me ver...

O carteiro entrega-lhe o envelope.

Inquilina – É curioso, parece um selo de coleção... Mas olha, o carimbo indica 21 de março de 1995...

O carteiro olha para o envelope.

Carteiro – Ah sim, realmente... É incrível.

Inquilina – O que poderá ser?

Carteiro – Abra-o, já que é para si.

Inquilina – Você acha?

Carteiro – Senhorita Lopez, é você, certo?

Inquilina – Sim... Bem, era...

Ela abre o envelope e lê.

Carteiro – Então, o que diz? Se não for intromissão, claro...

Inquilina – Desculpa por não ter podido ir ao nosso último encontro, quebrou a perna. Estou preso no hospital...

Carteiro – São coisas que acontecem, sei do que falo.

Inquilina – E eu que pensava que ele tinha desistido de mim...

Carteiro – É verdade que naquela época não havia internet. Nem mesmo telefones celulares. E o que mais diz?

Inquilina – Diz que me ama... Percebe? Se eu soubesse...

Carteiro – É incrível! Esta carta levou 30 anos para chegar até você...

Inquilina – Sim... E não a felicito por isso.

Carteiro – Desculpe?

Inquilina – Se esta carta tivesse chegado a tempo, minha vida poderia ter sido muito diferente!

Carteiro – Sim, claro, mas...

Inquilina – Eu gostava muito daquele rapaz... Tenho certeza de que ele deve ter se tornado alguém importante na vida...

Carteiro – Talvez, mas...

Inquilina – Você sabia que poderia apresentar uma reclamação contra você?

Carteiro – Contra mim?

Inquilina – Contra o serviço postal!

Carteiro – É o destino, não é?

Inquilina – De qualquer forma, gostaria de saber o que aconteceu com ele...

Carteiro – Como ele se chamava?

Inquilina – Está escrito na parte de trás do envelope, não está?

O carteiro olha.

Carteiro – Não! Não pode ser!

Inquilina – O quê?

Carteiro – Fui eu quem enviou esta carta! Não me lembrava de todo!

Inquilina – Você? Tem certeza?

Carteiro – Absolutamente! Esse é o meu nome e esse é o endereço dos meus pais. Onde eu morava naquela época...

Inquilina – Não teria te reconhecido de jeito nenhum, nossa...

Carteiro – Passaram-se trinta anos... Não esqueci o teu nome, claro, mas o sobrenome...

Inquilina – Então, te tornaste carteiro.

Carteiro – Sim... Estava tão deprimido porque não recebia resposta à minha carta... Pensando bem, acho que foi por isso que me tornei carteiro. Para ter a felicidade de levar aos outros as respostas que nunca recebi.

Inquilina – E a tua perna, está melhor?

Carteiro – Sim, obrigado... Podemos tomar um café e conversar um pouco, não?

Inquilina – É que... agora mesmo estou um pouco apressada. Meu marido me espera lá fora com o carro.

Carteiro – Claro...

Ele a observa se afastar quase correndo.

Carteiro – Senhorita Lopez...

10. Ocupante Ilegal

Um sujeito chega, hesita por um momento e senta-se no chão em frente às caixas de correio. Começa a cochilar. Uma inquilina chega e o vê.

Inquilina – Vamos, acorda, por favor. Eu entendo que estejas cansado, mas não devias ficar aqui, certo?

O homem acorda.

Homem – E por que não?

Inquilina – Mas... porque isto é o vestíbulo de um prédio, não um albergue social. Realmente não sabes para onde ir?

Homem – Não... Neste momento, não tenho uma casa fixa.

Inquilina – Bem, mais razão para ires embora, amigo! Se não tens uma casa fixa, por que diabos queres te estabelecer aqui?

Homem – Tens razão...

O sujeito se levanta.

Inquilina – Obrigada por entenderes, amigo. Mas sabes o quê? No fundo, invejo-te.

Homem – Sêrio?

Inquilina – Às vezes, eu também desejaria não ter uma casa fixa. Não ter que voltar para casa todas as noites. Encontrar a mesma pessoa à minha espera em casa.

Homem – Nesse caso, talvez pudesses me acolher em tua casa por uma noite? Seria uma pequena distração para ti...

Inquilina – Em minha casa?

Homem – Está tão frio lá fora.

Inquilina – Sim, eu sei, tive que vestir a minha roupa térmica esta manhã... E mesmo assim, congelei no escritório o dia todo.

Homem – Se passar a noite fora, não tenho certeza se vou acordar amanhã de manhã.

Inquilina – Tens a certeza de que não estás exagerando um pouco?

Homem – Realmente queres ter a minha morte na tua consciência?

A inquilina hesita e depois tira uma nota do seu bolso.

Inquilina – Vamos, é o teu dia de sorte. Pega nisto e vai dormir num hotel.

Homem – Dez euros? Como esperas que eu encontre um quarto de hotel por esse preço?

Inquilina – Bem, aqui tens trinta, e vaza, certo? Tenho a certeza de que encontrarás um hotel económico ou algo do género. Não queres dormir num palácio também, certo?

Homem – Está bem. Obrigado, senhora.

Inquilina – E se não encontrares um hotel disposto a te receber, pelo menos poderás comprar algo de licor para te aquecer.

Homem – Estás a salvar-me a vida. Deus te recompensará...

Uma mulher chega.

Mulher – Mas o que estás a fazer aqui?

Homem – Não tinha o código e perdi o teu número de telemóvel. Como sabia que não demorarias a chegar... Mas esta senhora acabou de me oferecer amavelmente esperar em sua casa.

Mulher – Obrigada, é muito amável da tua parte.

A mulher fica surpreendida, mas não deixa que ele perceba.

Inquilina – De nada. Entre vizinhos, é o natural...

Mulher – É verdade, com este frio... Deixa-me apresentar-te ao meu irmão. Ele está a passar uns dias em minha casa antes de partir para Paris para um filme. É ator...

Inquilina – Encantado em conhecê-lo então.

Homem – Os saltimbancos sempre tiveram má reputação. Na Idade Média, consideravam-nos ladrões de galinhas e até se recusavam a enterrá-los nos cemitérios junto aos bons cristãos.

Mulher – Felizmente, já não estamos na Idade Média... Não deveria dizer isto na frente dele, mas ele é um excelente ator. Verás, terá uma grande carreira...

Inquilina – Não duvido...

Homem – Não chateies a senhora com isso, tenho a certeza de que está ansiosa para voltar a casa e reunir-se com o marido.

Inquilina – Bem, então vou indo.

Homem – Obrigado novamente.

Inquilina – De nada.

Mulher – Muito amável, não?

Homem – Sim, parece que há um bom ambiente neste prédio.

Saem.

11. Vingança

O primeiro chega. O segundo o segue e, ao perceber que o outro parece um pouco mal, se aproxima com preocupação.

Um – Estás bem?

Dois – Acabei de enterrar meu pai.

Um – Enterrar...

Dois – Sim, bom... não fiz eu mesmo. Contratei especialistas. Parece que não pode ser feito de outra maneira. Além disso, não é barato.

Um – Ah, entendi...

Dois – Enfim, acabei de voltar do enterro.

Um – Lamento muito por isso. Apresento as minhas mais sinceras condolências...

Dois – Podes ficar com as tuas condolências. Eu odiava o meu pai.

Um – Sempre há uma boa razão para odiar o teu pai.

Dois – Sabes o que acho realmente insuportável nos enterros?

Um – O quê?

Dois – Todas essas pessoas que nem fazem parte da família, muitas vezes nunca as viste na tua vida antes da cerimónia, e que, diante do caixão, começam a soluçar mais alto do que os próprios filhos do defunto. Como se quisessem fazê-los sentir culpados por não terem eles próprios a dor mais demonstrativa.

Um – Tens razão... Deveria haver uma ordem de precedência. Um limite máximo de decibéis permitidos de acordo com a proximidade de cada um com a pessoa que está sendo enterrada.

Dois – Se os herdeiros diretos não consideram necessário chorar diante do caixão do seu querido falecido, os outros também deveriam abster-se, não?

Um – No entanto, parece que a morte do teu pai não te deixa completamente indiferente...

Dois – Na verdade... A sua ausência é um golpe duro para mim.

Um – Apesar das tuas diferenças, então não tinhas rompido completamente a relação com ele...

Dois – Não... A última vez que o vi foi no escritório do juiz...

Um – Do juiz?

Dois – Estava prestes a ganhar o processo que tinha iniciado contra o meu pai... Agora que ele está morto, obviamente será muito mais difícil...

Um – Ah, entendi...

Dois – Temo que o caso seja encerrado sem mais.

Um – Mas... por que esse processo, se me permites perguntar?

Dois – Seria um pouco longo de explicar, mas resumidamente... eu reprovoo ao meu pai, depois de me ter dado à luz, ter-me deixado completamente desamparado diante da miséria do mundo...

Um – E por que não fazer a mesma reprovação à tua mãe também?

Dois – Nasci de uma mãe desconhecida.

Um – De mãe desconhecida? Caramba... Nem sabia que isso era materialmente possível. Na minha época... Mas é verdade que agora, com as novas tecnologias...

Dois – Nasci em terra desconhecida, de uma mãe substituta sem documentos, paga em dinheiro e que preferiu manter o anonimato.

Um – Então, reprovoo ao teu pai por te privar do afeto de uma mãe...

Dois – Ah, não, de forma alguma!

Um – Então, por que levá-lo a tribunal por ter te dado a vida? Não pareces ter malformações particulares...

Dois – Oh, Deus não.

Um – Diria até que estás bastante bem feito de tua pessoa...

Dois – Obrigado.

Um – Então, por quê?

Dois – Mas já viste o mundo em que vivemos?

Um – Sim, não é falso... Com todas essas guerras em diferentes partes do planeta. O terrorismo. A fome. As mudanças climáticas...

Dois – Sem mencionar o imposto sobre o património e o cancro da próstata.

Um – Reprovoo ao teu pai por te trazer a este vale de lágrimas que é o nosso mundo moderno...

Dois – Na verdade, é um pouco mais complicado que isso...

Um – Estás me intrigando.

Dois – Antes de morrer, meu pai deixou grande parte de sua fortuna para uma fundação que luta contra a fome no mundo.

Um – Ah, sim, isso... Isso é bom.

Dois – Sim, mas a minha parte da herança reduz-se em consequência.

Um – Claro... Mas... é muito generoso da parte dele.

Dois – Mas de jeito nenhum! Ele fez de propósito para me chatear!

Um – Como assim para te aborrecer? Todos estão contra a fome no mundo, não? Não me digas que estás a favor...

Dois – Digo-te que ele fez isso com a única intenção de me deserdar.

Um – Sim, entendo, mas... de qualquer forma... Isso irá beneficiar pessoas que realmente precisam desse dinheiro.

Dois – Exato! Por isso estou a processá-lo.

Um – Perdão?

Dois – Se ele tivesse deixado sua fortuna para o seu canalizador ou para o seu inspetor fiscal, sua intenção de me prejudicar não estaria em questão. Mas isso, é particularmente vil, não é?

Um – Vil?

Dois – Ao me deserdar em benefício da luta contra a fome no mundo, ele se apresenta como o bom tipo, percebes? E eu, se me opuser, parecerei um egoísta. Um filho de papai que preferiria continuar a comer caviar com a herança do seu pai em vez de renunciar alegremente para que os deserdados tenham um pouco de arroz nos seus pratos.

Um – Quando têm um prato...

Dois – Ah, mas não vou deixar isso acontecer!

Um – Claro... Quero dizer... Entendo... Mas pode não ser fácil.

Dois – Já sei...

Um – Como disseste, perante os juízes, terás o papel do vilão...

Dois – E é... Mas continuo confiante... Tenho um bom advogado...

Um – E se acabares por obter uma vitória?

Dois – O que queres que faça? Doarei imediatamente esse dinheiro a essa mesma fundação.

Um – Perdão?

Dois – Não tenho escolha. Se ficar com todo esse dinheiro para mim, parecerei um patife. É o que pensarias também, não?

Um – Bem... Sim, obviamente...

Dois – Exato! Quando te dizia que o meu pai era um grande perverso, agora entendes...

Um – Eh... Sim... Tonto... Mas... estás certo de que não é um pouco complicado tudo isso?

Dois – E por que seria complicado?

Um – Se esse dinheiro eventualmente tiver que ir para essa fundação...

Dois – Ah sim, mas não é a mesma coisa de todo! Serei eu a fazer a doação!

Um – Quem dará... o dinheiro do teu pai.

Dois – Se herdar, será meu dinheiro! E terei demonstrado que ele não o fez por generosidade, mas simplesmente para me chatear. E o benfeitor da humanidade serei eu!

Um – Claro... Bem... Se isso também te faz sentir melhor...

Dois – Sim... Mas há algo que me incomoda.

Um – A morte do teu pai...

Dois – Não, o facto de mesmo que ganhe este processo, ele nunca saberá...

Um – Sempre é muito mais difícil vingar-se de pessoas que já estão mortas.

Dois – Sim... E é muito menos gratificante...

12. Aviso de Passagem

O carteiro introduz livros em cada caixa de correio. Um inquilino chega.

Inquilino – Não sabes ler?

Carteiro – Sim, claro que sei ler! E tu?

Inquilino – "Não Publicidade", isso está escrito na minha caixa.

Carteiro – Ah, mas isto não é publicidade! Sou o teu novo carteiro.

Inquilino – Ah, sim? E isto o que é?

Carteiro – É uma operação que acabamos de implementar nos Correios. Já sabes, agora com a internet, temos que diversificar as nossas tarefas...

Inquilino – E então?

Carteiro – Para aqueles que já não recebem correio, decidimos entregar cartas livres de direitos.

Inquilino – Livres de direitos?

O carteiro mostra o que tem na sua bolsa.

Carteiro – Obras-primas da literatura epistolar: "As Cartas Portuguesas", "As Cartas Persas", "As Cartas Marruecas", "As Cartas a um Jovem Poeta"...

Inquilino – Para quê?

Carteiro – Para encantar o mundo novamente! E encantar os Correios! A correspondência tradicional desapareceu, está bem. Poupa papel. E assim evitamos derrubar árvores. Mas as pessoas já não leem, e isso é terrível, não achas?

Inquilino – Sim, claro.

Carteiro – A literatura é a memória do mundo! Querer salvar as florestas está certo. Mas também devemos preservar o que realmente é nossa riqueza! Nosso património cultural: os livros! Sabes quantas letras existem no nosso alfabeto?

Inquilino – Aproximadamente 26, não?

Carteiro – Percebes?

Inquilino – O quê?

Carteiro – Com apenas 26 letras, combinando-as, o homem pode expressar tudo.

Inquilino – Sim...

Carteiro – E mesmo assim, quando digo 26... Sabes qual é a língua no mundo que tem menos letras?

Inquilino – Na verdade, não sei...

Carteiro – O Rotokas. Uma língua falada nas Ilhas Salomão. Seu alfabeto tem apenas 12 caracteres.

Inquilino – Mesmo?

Carteiro – Uma dúzia de letras para expressar todos os pensamentos dos homens.

Inquilino – Sim, é verdade... Tens correio para mim?

Carteiro – Uma dezena de números para entender a mecânica do universo.

Inquilino – Posso receber o meu correio?

Carteiro – E sete notas para compor toda a música do mundo.

Inquilino – Então, não há correio...

Carteiro – E o que restará de tudo isso daqui a bilhões de anos? Quando o sol, em seu grande final, nos reduzir a todos a cinzas?

Inquilino – Não sei...

Carteiro – Alguns hieróglifos gravados nas pedras que ainda não tenham derretido. Algumas palavras lapidares, como nos primeiros tempos da escrita. Em verdade vos digo: os primeiros balbucios da humanidade também serão seus últimos suspiros.

Inquilino – Sim...

Carteiro – Quando os Correios desaparecerem, os epitáfios dos nossos antepassados sobreviverão por um momento. Como um aviso de passagem. Mas lembra-te de uma coisa. *(Com ênfase)* Apenas a lembrança da música das esferas sobreviverá para sempre. *(O carteiro entrega-lhe um CD.)* Aqui tens... A Sonata para piano n.º 14 em dó sustenido menor, também conhecida como "Carta para Elisa"...

O outro pega o CD.

Inquilino – Obrigado.

O carteiro afasta-se e o outro o observa partir, desconcertado.

Inquilino – Não percebi nada...

A Sonata para piano n.º 14 em dó sustenido menor começa a tocar.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Breves do tempo perdido
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Como um filme de Natal...
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
De volta aos palcos
Dedicatória Especial
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Morrer de Rir
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um breve instante de eternidade
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada
Uma noite infernal

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-119-0

Documento para download gratuito